

# DESENHO E DEMOLIÇÃO: ABORDAGENS ACERCA DE UMA PESQUISA EM DESENHO EM ESPAÇO URBANO

Glayson Arcanjo

*Universidade Federal de Uberlândia*

## Resumo

O presente texto aborda questões sobre o espaço urbano e sobre experimentações e interferências ocorridas durante a ocupação de casas em estado de demolição, com propósito de se fazer constituir ali campos e corpos em crise e em ebulição, bem como espaços ativadores para investigações e produções de visualidades ampliadas na linguagem do desenho.

## Palavras-chave

Espaço Urbano, Desenho, Criação.

## Abstract

This text addresses issues on the urban space and on experiments and interventions made in the process of occupation of houses in a state of demolition. The intention of this work is to build up on those houses fields and bodies in crisis and ebullition, as well as activators for space and visual research and production expanding drawing as a language.

## Keyword

Urban Space, Drawing, Creation.

O presente texto se dá em decorrência de experimentações ocorridas durante a ocupação de casas em estado de demolição com propósito de se fazer constituir ali campos e corpos em crise e em ebulição, bem como espaços ativadores para investigações e produções de visualidades ampliadas na linguagem do desenho.

Para que tais experimentações pudessem ser realizadas no espaço urbano alguns imóveis em estado de demolição precisaram ser visitados, entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades mineiras de Belo Horizonte, Uberlândia e Prata. Desses, seja por falta de autorizações das prefeituras locais, de acordos com as empresas contratadas para executarem as demolições ou mesmo por falta de segurança, apenas cerca de uma dezena delas foram ocupadas, sofreram interferências ou foram registradas através de fotografias.

Cabe ressaltar que correm processos judiciais por trás da venda ou da transferência de posse dessas casas, envolvendo famílias inteiras, mobiliárias, construtoras e antigos moradores em disputas de poder evidenciado na compra

e venda dos imóveis mas que tem como fim a desocupação do terreno para a construção futura de um outro imóvel ou outros empreendimentos imobiliários.

Disputas que ocorrem no espaço urbano sendo este também um espaço contemporâneo de remodelações, modernizações ou mesmo higienizações num processo de urbanização evidenciado principalmente nas metrópolis, mas que vem se espalhando também pelas médias e pequenas cidades e que nos dizeres de José Miguel Cortés (2008) “não é homogêneo nem apolítico, tampouco pode ser concebido em si mesmo, mas é produto da história, um lugar de reencontro dos aspectos materiais, financeiros, culturais, etc” (CORTÉS, 2008, p.21).

Desocupar um terreno é deixá-lo devoluto. Desocupar uma casa é torná-la inicialmente desabitada, retirando dela vínculos (e objetos) que ativem memórias individuais ou coletivas e que tendem carregar desde relatos à experiências passadas. Desocupá-la é torná-la gradativamente um lugar de esquecimento.

É justamente neste período temporal entre a desocupação, onde há ainda vestígios dessas memórias, e a demolição, que venho me inserindo por dias ou semanas no mesmo espaço das casas a serem demolidas.

De lugar de esquecimento à lugar de existência transitória, ao ocupar novamente a casa desloca-se signos ali presentes, que são os signos de uma habitação, da arquitetura, das estruturas prestes a ruir, enfim são também signos de uma sociedade abalada e em constante ruína.

O universo da rua como espaço de fragmentações, trânsitos, passagens, conflitos, etc, vem sendo visto desde o início do século XX como extremamente sedutor para que dele os artistas projetem os mais diferentes discursos, propondo transformações:

Desde a época das vanguardas artísticas, no começo do século XX, os artistas plásticos sempre estiveram muito atentos às mudanças e às transformações urbanas. Não é raro encontrar quadros, desenhos, filmes ou esculturas com representações evidentes à vida urbana de cada momento. Os artistas contemporâneos vêem, cada vez mais, a cidade como um lugar de referência para suas intervenções artísticas e estão dispostas por proposições muito diferentes, que vão desde as mais imaginativas ou sonhadoras até as mais sociais ou

específicas, vinculadas a um fenômeno concreto (CORTÉS, 2008, s/p.)

Se estamos falando de desconstrução, demolição, desabamento, etc, como falar também de ocupação, construção, proposta de criação de visualidades em um espaço onde parece não mais contemplar conjuntamente as duas possibilidades? E se há de fato construção, o que se constrói ali?

Não nos antecipemos a uma resposta, apenas constatemos que o tempo de preparação, ocupação e execução de qualquer proposta em um espaço como esse torna-se muito curto e pode, tal como a casa, também desmoronar.

O espaço da casa em demolição, como qualquer outro espaço, “mais que uma condição prévia (um lugar), é o resultado de uma atividade, portanto possui uma dimensão temporal. É um produto social que não permanece estático, pois, à sua maneira, é criador e criação de um conjunto de relações dialéticas em permanente transformação e nas quais intervém de modo incisivo (CORTÉS, 2008, p.21).

O corpo ao iniciar uma gradativa entrada no espaço da casa em demolição tende a vivenciá-la como um lugar de potências e ao mesmo tempo de impossibilidades; o corpo performa-se e move-se, é tornado parte da casa, de suas ruínas e do que os circundam.

### **Ocupação, interferências e demolição**

O que passo a relatar a partir daqui é então a ocupação de uma dessas casas registradas neste período temporal e foi realizada entre 06 e 09 de junho de 2007, mais especificamente na rua California s/n, em frente ao número 100, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

Para compreensão de todo processo que envolveu esta ocupação é preciso deixar em evidência que dentre tantos procedimentos para a demolição de uma casa, quando este se dá de forma planejada, está a contratação de uma empresa de demolição.

Na referida casa a responsabilidade foi da Demolic Demolições, empresa que providenciou a devida retirada dos materiais ali ainda presentes como portas, janelas, condutores elétricos, pisos, telhados, telhas, etc. Após essa etapa a empresa determina pontos de toda construção que serão previamente derrubados de maneira manual com uso de marretas e outras

ferramentas manipuladas por seus funcionários, para que em seguida um trator venha jogar ao chão toda a estrutura restante.

A casa, esse lugar antes habitável, tornara-se lugar de existência transitória, inclusive para os profissionais que atuaram no local: engenheiros, pedreiros, passantes, catadores de lixo e o próprio artista propositor.

Atuando num mesmo espaço, são diferentes porém os procedimentos de cada uma das pessoas presentes <sup>1</sup>. Além do encarregados e funcionários outros encontros se deram durante minha presença ali, como com passantes que entravam a olhar os próprios cômodos da casa ou os desenhos realizados. E por fim com os catadores que vinham retirar do local vergalhões e outras estruturas de ferro, para serem vendidas em ferro-velhos da cidade.

### **Do corpo**

O corpo utilizado para desenhar opera em gestualidades, ele pesa, respira, pára, anda, contorce, agacha e se estica, se acomoda e reúne forças para avançar. São tentativas de alcançar espaços inatingíveis.

Não ter a firmeza de movimento para traçar um risco ou uma maneira *correta* para segurar e utilizar os instrumentos do desenho possivelmente pode dar a esse corpo gestualidades e resultados de desenhos descontrolados, desordenados e sem nenhum ou muito pouco domínio de possíveis técnicas tradicionais para sua realização. Gestos que evidenciam condições que são outros modos de atuação do desenho no espaço e no tempo. Mas é o modo de atualizá-lo que vai levá-lo à proximidade de uma *escritura*.

A *escritura* é essa maneira irrespeitosa, interrompida, de afluxos de idéias, excitações e associações. É por onde a leitura passa a acontecer onde “o gesto do corpo (é com o corpo, certamente, que se lê) que, com um mesmo movimento, coloca e perverte a sua ordem; um suplemento interior de perversão”. (BARTHES, 2004, p.33)

A *escritura* faz abrir um texto, para que outras leituras se conectem a ele num trabalho tátil, olfativo e sensitivo que faz todo o corpo trabalhar. Cabe perguntar então, como se dá o deslocamento, ou o modo de atuação, do artista desenhador durante a ocupação da casa?

Há, na manipulação das diferentes matérias, uma abertura para um campo de sobreposições, ilegibilidades de imagens e palavras. Pode-se dizer

que são infinitos os modos de riscar e marcar um corpo, penetrar a superfície na medida mesmo em que se acrescenta mais e mais riscos. Quanto mais se desenha mais matérias são sobrepostas umas às outras, tendendo a tornar um corpo repleto de marcas.

Nos procedimentos de desenho realizados na casa, seja em suas paredes, pedras, rachaduras, frestas e cacos, há um avanço cada vez maior em direção ao que se poderia chamar de ilegibilidade. Espécies de palimpsestos onde riscar e apagar marcas desriscando-as, fazem surgir restos e vestígios de traços anteriores ou esperas para que outros ali surjam.

O ilegível, como proposto por Barthes nada mais é do que aquilo que se perdeu: escrever, perder, reescrever, aproximar o significante, transformá-lo em gigante, em presença monstruosa, diminuir o significado até o imperceptível, desequilibrar a mensagem, guardar, da memória, sua forma e não seu conteúdo, alcançar o impenetrável definitivo, em uma palavra, gravar toda a escrita, toda arte em palimpsesto, e que esse palimpsesto seja inesgotável, o que foi escrito voltando sem cessar sobre o que escreve para torná-lo superlegível – isto é, ilegível (BARTHES, 2004, p.201)

Pode e até parece estranho mas o ato de repetidamente apagar é o que torna visível o que antes podia passar por despercebido. Riscar e des-riscar algo escrito torna-se um movimento que dá a ler a própria destruição e também põe em evidência os vestígios da linguagem: pedaços das palavras, balbucios da fala, manchas ou rabiscos de lápis ou tinta.

### **Desenhos em demolição**

Atuar numa superfície que já se encontra marcada por um uma inscrição é dar-se conta que se desenha outras vezes. Apaga-se um desenho que não é seu, um desenho de outro, ou de outros. Assim como num palimpsesto passa-se a efetuar essa condição de apagamento que é tentar excluir uma informação constante no pergaminho para que outros escritos possam ser ali inseridos.



se aproxima de uma ossatura do desenho estrutural, onde de vê bem pilastras, pilares, armações e lajes.

Há ali também a existência de desenhos transitórios, formados pela incidência da luz do sol que rebate em toda estrutura da casa, já que esta encontra-se aberta fazendo incidir sombras e criando incontáveis desenhos no interior da casa, nas paredes e no chão.

De visualidades que se apresentavam a um olhar atento à medida que se permanecia na casa houve posteriormente interferências produzidas com matérias trazidas; lápis, grafite, giz de cera ou encontradas; tijolo, pedras, carvão. Manipular estas matérias no espaço da casa em demolição abre um campo de sobreposições, ilegibilidades tanto de imagens e palavras.

Era porém preciso agir rápido pois dentro de poucos dias um novo procedimento começaria, com a entrada do trator para jogar ao chão toda estrutura ainda de pé e depois disso a remoção com o uso de caminhões, de todo entulho desmoronado. São desenhos que se modificam ou se perdem com a passagem do tempo.

### **Borrachas, ou, sobre os desdesenhos**

Se até aqui falamos de olhares e gestos que vão produzir acréscimos e sobreposições de matéria com o passar do tempo ou em acumulações ocorrendo nas superfícies desenhadas, cabe agora abordar os gestos que tendem a apagar os desenhos, pois estes se dão também de modos distintos.

Assim é que a borracha ainda atua; seja aquela mesma borracha comprada na loja de materiais artísticos e produzida a partir do látex ou uma outra borracha, que é a máquina “patrola”, que joga ao chão superfícies e matérias constituindo um outro modo de desmanchar para produzir as demolições, que são, evidentemente, apagamentos.



Figura 2: Registros dos processos de construção e demolição. (Acervo do Artista)

Com a demolição de toda estrutura da casa surgem também outras possibilidades para a constituição de desenhos:

- desenhos revirados, quebrados, amontoados, empoeirados;
- desenhos deslocados, que são desenhos desmoronados nas paredes quebradas e restos destruídos que serão transportados para dentro de caminhões;
- desenhos realojados (deslocados) pois estes serão levados para outros locais, provavelmente aterros de lixo.
- desenhos guardados, que são pequenos pedaços de paredes que depois de desmoronadas foram, e continuam, guardadas em bolsas pelo artista.

De um espaço antes habitável o chão agora encontra-se como uma superfície plana. Com a derrubada de todas as estruturas jogadas ao chão e levadas a um caminhão, estas transportadas a diferentes destinos.

Notas



<sup>1</sup> É assim que mesmo de posse da autorização do Engenheiro responsável (Sr. Daniel), durante a ocupação ao ter contato com o Encarregado da obra (Sr. Dalmo) quase fui expulso por este deduzir que se tratava de uma pessoa que queria retirar materiais da casa e levar embora, para vender em ferro-velho. Um outro estado de poder torna-se a instaurar aí: a do encarregado que inicialmente o detém e depois a do artista/pesquisador pois só fui aceito quando mostrei os lápis, a máquina fotográfica e a autorização dada para minha presença e ocupação na casa.

## Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **O rumor da Língua**. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 486 p.

CORTES, JOSE MIGUEL G. **Cartografias Dissidentes** (Catálogo de Exposição). São Paulo: Centro Cultural São Paulo. Sociedade Estatal para la Acción Cultural Exterior de España, 2008. s/p.

\_\_\_\_\_. **Políticas do Espaço**: Arquitetura, Genero e Controle social. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. 322 p.

FERRAZ, Marcelo. **Desenho e projeto**. In: DERDYK, Edith (org). *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 221-228

SAMPAIO, Glayson Arcanjo. **A(i)nda Desenho**. 2008. 63f. (Dissertação) Mestrado em Artes - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

## Currículo do autor

Glayson Arcanjo é Artista plástico e professor substituto do Departamento de Artes Visuais - UFU. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008) e graduado em Arte Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (2006). Realiza pesquisas e exposições acerca da linguagem do desenho e aproximações com escrita e corpo. E-mail: [glaysonarcanjo@hotmail.com](mailto:glaysonarcanjo@hotmail.com)